

**Angélica Sátiro:**

Falarei em português, mas em alguns momentos falarei em castelhano e espanhol, porque é uma língua comum às duas pessoas que estão aqui.

O nome da nossa mesa de diálogo é «A fragilidade do mundo e a força da educação».

Por que pensamos que é importante o pensamento crítico como eixo deste Congresso de Educação e Cultura?

Porque vivemos nas nossas cidades e no mundo um momento de polarização, um momento de cultura do ódio, um momento de falsas verdades, um momento em que é muito difícil saber o que fazer, porque o mundo se tornou frágil.

Esta é a razão pela qual temos esta mesa de diálogo.

Já o expliquei, mas antes de começar, gostaria de apresentar estas duas pessoas que estão aqui, porque, para mim, são duas pessoas muito queridas, queridas, admiradas e reconhecidas. São grandes pessoas.

Acredito que são dois dos pensadores contemporâneos mais importantes, cada um na sua área. Ambos adoram conhecer, adoram a educação e adoram o pensamento.

Recomendo-vos que leiam os seus livros, porque são livros que vale a pena ler, porque foram muito pensados, refletidos e escritos com grande mestria.

Assim, tanto Joan-Carles Mèlich, filósofo catalão, com muitos livros e professor da Universidade Autónoma de Barcelona, como Márcia Tiburi, filósofa brasileira, que foi professora em Paris VIII durante muito tempo, são também doutores em educação... Filosofia, desculpem-me.

Ambos têm em comum, além disso, o facto de pensarem a partir de absolutos. Assim, Márcia pensa a partir do fascismo, questionando o fascismo, e Joan-Carles pensa questionando os totalitarismos.

Assim, poderemos pensar este mundo polarizado em conjunto com estas duas pessoas, porque dedicam muito tempo a fazê-lo, está bem?

Agora, além de os apresentar com carinho, quero dizer-vos que podem ler na página web todo o seu currículo, porque é impressionante, está bem?

E sim, Márcia e Joan, quero apresentar as pessoas que estão ali.

Ali em cima, nas escadas, temos adolescentes, meninas e meninos que são congressistas desde setembro passado e que também trabalham o pensamento crítico e estão aqui para nos poder ouvir.

E aqui temos as pessoas que, nas suas cidades, todos os dias lutam, todas as manhãs se levantam e lutam para fazer da sua cidade uma cidade educadora.

E como um diálogo não é apenas da responsabilidade de quem fala, mas também de quem ouve, pareceu-me importante apresentar uns aos outros.

Começamos?

Vamos lá.

Muito bem.

Dito isto, gostaria de ter presente toda esta questão: as cidades não podem transformar-se em campos de batalha.

E com a cultura do ódio, com a polarização, de alguma maneira, isto está a acontecer.

Como?

Vamos colocar aqui duas perguntas: o que abre espaço ao desenvolvimento do pensamento crítico no contexto atual, na vossa opinião? E quais seriam estas condições concretas que tornam possível o pensamento crítico numa cidade educadora?

Quem quer começar?

Posso começar?

Vamos lá.

**Márcia Tiburi:**

Bom dia a todos.

Bom dia aos meus companheiros e companheiras de debate.

Obrigada, Angélica, pelo convite para estar aqui.

Parabéns aos organizadores.

É um prazer estar convosco.

Em primeiro lugar, penso que é importante definir, começar por definir o que é uma cidade.

E uma cidade, como toda a gente sabe, é um lugar onde vivemos de acordo com as leis, de acordo com as instituições que existem, construindo estas instituições.

Ao mesmo tempo, podemos dizer, de um ponto de vista mais filosófico, que uma cidade é um determinado lugar onde experimentamos estas instituições, este espaço.

E um lugar onde, hoje em dia, também aprendemos a reivindicar direitos.

Muitos filósofos já debateram o direito à cidade.

Eu própria já escrevi um texto intitulado «O direito visual à cidade», porque venho de uma cidade chamada São Paulo, que é uma cidade onde tudo está em disputa, cada milímetro, inclusive o espaço visual que experimentamos.

São Paulo é uma cidade onde há muita *pixação*, algo que imagino que vocês, pelo menos aqui em Granollers, não conheçam tanto.

Mas São Paulo é uma cidade que se expressa muito através daquilo a que chamamos *pixação*, que são desenhos, textos e poesias, e todo um trabalho de ocupação visual da cidade realizado por pessoas que estão excluídas dela, sobretudo por jovens que querem ter um direito à linguagem dentro da cidade.

Bom, queria falar sobre isto porque a cidade também nos situa dentro de uma determinada experiência e, portanto, em relação com a alteridade.

E penso que isto é gradual, que é muito complexo, que depende da cidade, depende do lugar, do lugar de onde venho, de São Paulo, por exemplo, e das cidades brasileiras.

Temos uma determinada experiência com a violência, uma determinada experiência com a exclusão e uma determinada experiência com a maldade e a estupidez dos governantes, de modo que vivemos num estado de luta, e a alteridade é uma instância, um lugar, um espaço negado nesta experiência.

Bom, eu chamo pensamento crítico precisamente àquilo que se faz: a experiência do pensamento que se faz com a alteridade, e a alteridade considerada precisamente este espaço negado, um espaço negado que é preciso conquistar.

Queria fazer um comentário e contar-vos uma história muito concreta sobre o pensamento crítico para que possamos compreender do que se trata de uma maneira muito concreta.

Penso sempre que pensar, fazer filosofia, exercer o pensamento reflexivo é algo que precisa de acontecer, que só pode acontecer em circunstâncias situadas.

Ou seja, penso a partir de um ponto de vista histórico, concreto, material, situado num tempo e num espaço.

Isto significa pensar a partir da história, aquilo a que os marxistas gostariam de chamar materialismo histórico.

Gosto muito desta perspetiva.

Mas queria contar-vos algo de que tive conhecimento há poucos dias e que me deixou em estado de choque, muito incomodada, mas que também serviu para restituir a função e o sentido daquilo a que aqui estamos a chamar pensamento crítico.

No Brasil — o Brasil é um país muito grande, com mais de duzentos milhões de habitantes — existem, como em todos os países, intelectuais públicos.

Eu própria, no Brasil, sou mais ou menos uma intelectual pública.

Eliane Brum, que está aqui, também.

Somos pessoas que aparecem na cena pública em diferentes graus.

E há um desses intelectuais públicos que é muito rico, que recebe cerca de setenta mil reais, penso que cerca de vinte mil dólares, quinze mil dólares, por dar uma conferência, e que é muito conhecido. Tem milhões de seguidores nas redes sociais e é muito conhecido.

E tenho de vos contar esta história.

Este homem é muito respeitado porque tem boas opiniões sobre muitas coisas, mas há poucos dias fez algo que foi muito grave.

Fez publicidade para um banco, pela qual provavelmente também deve ter recebido alguns milhões.

E nessa publicidade disse que o pensamento crítico é importante, mas que o mais importante é ter um cartão daquele banco e poder pagar as compras em dez prestações.

Que horror!

Ou seja, vendeu aquilo a que chamava pensamento crítico.

Fiquei muito indignada porque também gosto muito de defender o pensamento crítico, penso que trabalho com o pensamento crítico e não acredito que ninguém — nem eu, nem Angélica, nem Joan, nem nenhum de vocês — possa vender o pensamento crítico.

Porque o pensamento crítico é precisamente aquilo que não pode ser reduzido a mercadoria, não pode ser transformado em mercadoria, precisamente porque este pensamento crítico confronta, enfrenta a forma-mercadoria.

O que é a forma-mercadoria?

A forma-mercadoria é uma forma social através da qual as coisas podem ser vendidas.

Lembre-mos: este pensador que vendeu o pensamento crítico é um homem branco.

O homem branco também é uma forma-mercadoria, mas não é uma forma-mercadoria como esta garrafa de água, como esta caneta, como as nossas roupas ou como os nossos corpos de mulheres, de gays, os nossos corpos trans, os nossos corpos negros, os nossos corpos de pessoas que são outra coisa que não o homem branco.

O homem branco é a forma social que é o próprio capital.

Só um homem branco poderia vender desta maneira o pensamento crítico, mesmo que não tivesse a pele branca e mesmo que não fosse um homem, porque estamos a falar de uma forma social.

Portanto, a forma social interiorizada do homem branco capitalista, que é necessariamente patriarcal e necessariamente racista, é aquela que pode vender o pensamento crítico, inclusive porque o pensamento crítico extingue, no futuro, no processo histórico da sua própria ação concreta, o homem branco.

Quero dizer que extingue a forma social do homem branco, transformando todas as pessoas em iguais umas às outras.

Finalmente, queria acrescentar um detalhe que me parece muito importante, evidentemente, a partir da minha própria perspetiva.

Pensando desta maneira situada, só posso pensar a partir do meu próprio lugar.

Faço um esforço pessoal, e isto implica um desejo ético e um impulso ético daquele indivíduo, daquele corpo que pensa, de realizar, de antecipar, de pôr em cena o respeito por aquilo a que chamei alteridade.

Quem é a alteridade?

A alteridade é o outro.

O outro corpo, a outra cultura, a outra língua, a outra experiência de pensamento, o outro espaço, o outro território, a outra cidade, a cidade do outro, o país do outro.

E, a partir desta perspetiva, penso que hoje é muito útil e muito válido ligar a noção de pensamento crítico ao pensamento decolonial, anticolonial e contracolonial.

Só posso pensar a partir da minha perspetiva e, para pensar criticamente, preciso de pensar descolonizando o meu próprio pensamento.

Ou seja, preciso de retirar de dentro de mim a forma do homem branco.

Preciso de me desburguesizar — como é que isto se traduz? —. Preciso de despatriarcalizar o meu próprio pensamento, a minha própria língua, talvez o meu próprio corpo.

Preciso de me desracializar.

E nada disto é possível num lugar concreto, ou no espaço real e concreto deste momento histórico, senão através deste esforço reflexivo, que é simultaneamente um esforço de imaginação.

Só posso colocar o outro, a alteridade, na minha perspetiva se tiver imaginação.

E é por isso que precisamos, contra o capitalismo patriarcal, racista e colonialista, de muita imaginação.

E é através da imaginação que as mulheres sobreviveram às guerras, é através da imaginação que os povos dos lugares mais diversos sobreviveram aos seus «algos» que fazem a guerra.

É através da imaginação que as pessoas ultrapassaram os sofrimentos impostos pelo capitalismo patriarcal.

Portanto, eu resumiria o pensamento crítico desta maneira: é uma determinada forma de construir uma perspetiva na direção da alteridade, lembrando de onde viemos, quem somos, como nos tornámos naquilo que somos, a partir de que lugar pensamos e fazendo o esforço radical de desmontar dentro de nós as interiorizações produzidas pelo sistema.

Muito obrigada.

**Angélica Sátiro:**

Bom, Joan, ouvimos estas condições concretas que Márcia Tiburi propôs.

Quais são as tuas?

O que é que abre espaço ao desenvolvimento do pensamento crítico?

**Joan-Carles Mèlich:**

Muito obrigado, Angélica.

Obrigado a todos por estarem aqui, ao comité organizador pelo convite e à Márcia por este imenso prazer de partilhar esta conversa, com a qual, pessoalmente, estaria completamente de acordo.

Aliás, gostei muito de como soou e das palavras que sublinhou.

A palavra alteridade, por exemplo, é claro que, para mim, também é radical.

No início, quando me propuseram este tema do pensamento crítico e o comentei com as minhas colegas numa reunião que tivemos, pensei imediatamente numa frase que o filósofo alemão Walter Benjamin escreve no início do seu precioso livro intitulado *Infância em Berlim por volta de 1900*.

A frase de Benjamin diz o seguinte:

«Pouco importa não saber orientar-se numa cidade. Perder-se, porém, numa cidade como quem se perde numa floresta requer aprendizagem.»

Há muitos anos que esta frase me anda na cabeça e encontrei-a neste livro, *Infância em Berlim por volta de 1900*.

Benjamin é um autor marxista da primeira geração da teoria crítica.

A partir disto, tentarei responder à pergunta da Angélica, mas vou dar-lhe a volta.

A pergunta não será tanto o que é que torna possível o pensamento crítico — que me parece ser aquilo que perguntavas —, mas precisamente o contrário.

O que existe nas nossas cidades que atualmente impede o pensamento crítico?

E serei muito concreto, com o risco de parecer superficial, porque, naturalmente, cada uma das coisas que direi mereceria uma longa explicação.

A primeira questão — bem, direi três ou quatro —, mas antes de mais vou nomear a filosofia que penso que se está a impor nas nossas sociedades, cidades e universidades.

Eu chamaria a isto a lógica da razão tecnoeconómica, a lógica tecnoeconómica, o imperialismo da lógica tecnoeconómica.

As nossas sociedades, as nossas cidades e as nossas escolas estão a ser colonizadas por aquilo a que eu chamaria a lógica tecnoeconómica.

Até agora poderíamos dizer que Marx — quando digo «até agora», quero dizer, por exemplo, até Marx, até ao século XIX e também durante boa parte do século XX — considerava que o económico, como a Márcia disse muito bem, era aquilo que Marx descreve muito bem: esta colonização económica do mundo, do mundo capitalista.

A primeira frase de *O Capital* começa com a noção de mercadoria.

Isto não é nenhuma coisa menor.

As sociedades capitalistas caracterizam-se por poder transformar tudo em mercadoria.

Tudo é algo que se pode comprar e vender.

Então, penso que a esta visão, a esta colonização económica do mundo, se acrescenta hoje a dimensão tecnológica, que não deve ser confundida com a técnica.

Eu pediria, para ver se somos capazes de fazer uma distinção muito importante que normalmente não se faz, que é a distinção entre técnica e tecnologia.

A técnica pode ser boa ou má, pode ser utilizada bem ou mal, e desde que existe o ser humano — ou algo parecido — à face da Terra, existe a técnica.

Mas a tecnologia é outra coisa.

A tecnologia é uma invenção recente.

A tecnologia, como o seu nome indica, forma-se a partir da palavra grega *logos*, e *logos* significa muitas coisas em grego, mas a mais conhecida é «razão», no sentido de que existe uma razão tecnológica; ou seja, existe uma visão tecnológica do mundo.

Estas perspetivas de que a Márcia falava, aquilo que a razão tecnológica ou tecnoeconómica faz é negar qualquer outra perspetiva que não seja a sua.

Impõe-se uma única visão do mundo, totalitária, naturalmente, porque a tecnologia é uma visão totalitária do mundo, porque nega qualquer outra perspetiva.

Então, uma perspetiva que nega qualquer outra perspetiva deixa de ser uma perspetiva.

A perspetiva, por definição, tem de ser múltipla, tem de ser plural.

Se só existe uma perspetiva, não existem perspetivas.

E foi isto que a tecnologia fez, e isto significa que, se não há perspetiva, não há pensamento crítico.

Tentarei terminar porque isto pode dar muito que falar.

Muito brevemente, disse que enumeraria três ou quatro — quatro, talvez — aspetos desta colonização tecnoeconómica do mundo para que possamos pensá-los e criticá-los, naturalmente.

A primeira: a tirania da utilidade.

A razão tecnoeconómica impõe como pergunta central: «Para que serve?»

Vamos estudar grego. Para que serve o grego?

Vamos estudar filosofia. Para que serve a filosofia?

Vamos estudar educação social e teremos uma disciplina de História da Educação começando pela *Ilíada*. Para que serve?

Vão ver, quando surgirem os novos planos de estudos de Educação Social, quantas disciplinas de História da Educação existem.

Eu já sei, de educação, não de educação social.

Sabem quantas existem?

Zero.

Zero.

Penso que um educador que não compreenda que a Europa se funda na cólera de Aquiles não compreende nada.

E que a Europa também se funda numa proibição: «Não comas da árvore que está no centro do paraíso».

Se esquecermos isto, não compreendemos nada.

Mas, claro: para que serve isto?

Segunda questão: a burocracia.

Kafka percebeu isso, sobretudo no início do século, quando escreveu os seus grandes romances, *O Processo* e, sobretudo, *O Castelo*.

Também Max Weber, nos seus livros.

Qual é a figura sinistra da burocracia?

Há muitas.

O processo, por exemplo. Kafka sublinha a noção de processo.

Antes de continuar, direi que estou plenamente dentro desta visão do mundo porque direi que a figura sinistra da democracia é a figura do funcionário.

E eu sou funcionário.

Mas explico-me.

O que aconteceu com a lógica tecnoeconómica?

Em que transformou o funcionário?

Ou, melhor dizendo, o funcionário deixou de ser uma figura administrativa para se transformar numa figura existencial.

Funcionário é aquele que desempenha uma função e que não pensa.

Há um texto maravilhoso do escritor marxista alemão Bertolt Brecht, numa história do senhor K., em que uma personagem pergunta a outra: existe um funcionário que pergunta?

Se pergunta, não é um bom funcionário.

Se pensa, não é um bom funcionário.

Tenham em conta — já sei que isto agora tem de ser muito matizado — que, quando Hannah Arendt acompanhou o julgamento de Adolf Eichmann, tenente-coronel das SS em Jerusalém, onde foi condenado à morte por crimes contra a humanidade, Adolf Eichmann, como tantos outros, não se limitou a dizer: «Cumpro ordens».

Mais grave ainda: Eichmann disse: «Eu cumpria a lei».

Perguntaram-lhe se, caso lhe tivessem ordenado que matasse o pai, o teria feito.

Eichmann respondeu — isto é histórico —: «Se o Führer me ordenar, naturalmente».

Eichmann teria passado qualquer controlo psicológico — não sou eu que o digo, é Hannah Arendt que o diz —.

Eichmann não era louco; isto é o mais fácil de dizer.

Como diz Hannah Arendt, era, desgraçada e terrivelmente, alguém normal.

Terceira questão, vou muito depressa.

A hiperaceleração do tempo.

Por exemplo, os meus estudantes sabem — e saúdo-os daqui — que cada vez as disciplinas duram menos tempo, entram mais professores, os trabalhos são feitos mais rapidamente, os trabalhos de grupo...

Que ninguém fique de fora, que sejam trabalhos de grupo, naturalmente, porque, se há uma coisa que eles não são, é trabalhos de grupo.

Mas pronto, isso já seria outro tema.

A hiperaceleração do tempo, aquilo a que nos meus livros chamei a pressa.

A pressa.

É preciso, não sei como, em todo o caso cada um tem de pensar nisso, recuperar aquilo a que eu chamaria uma relação cordial com o tempo.

Uma relação cordial com o tempo.

Uma certa demora.

Sem uma relação cordial com o tempo é impossível pensar criticamente, é impossível pensar.

É impossível pensar.

É preciso fazer, como primeira condição para pensar: para, para, dá-te tempo.

Se alguém não tem tempo, o burocrata não tem tempo, o funcionário cumpre ordens.

E, para terminar, uma das coisas mais graves, e termino: a tremenda crise das humanidades.

O que está a acontecer nas nossas cidades, nas nossas universidades e nas nossas escolas com as humanidades é realmente muito preocupante.

E quando falo de humanidades, pensem simplesmente em ler, escrever e estudar.

Hoje em dia já ninguém escreve, toda a gente redige.

Mas redigir não é escrever.

Hoje em dia ninguém lê, toda a gente procura informação.

Mas procurar informação não é ler.

Hoje em dia ninguém estuda.

Já repararam que a palavra «estudar» desapareceu?

E o que ocupa o seu lugar?

Investigar.

Hoje em dia toda a gente investiga, mas ninguém estuda.

**Angélica Sátiro:**

Já está?

Sim.

São dois grandes, muito bem. Isto também comunica, por isso é um diálogo que estamos a fazer aqui entre todos. Obrigada pela vossa comunicação.

Olha, como o eixo do pensamento crítico também estruturou a mesa em que estavam Philippe Meirieu e Marina Garcés, pensei que nos ajudaria se também incluíssemos algumas coisas que disseram, para ver como podemos avançar a partir daqui.

Meirieu afirmou que o pensamento crítico é uma relação insatisfeita com o mundo, ou seja, queremos sempre compreender melhor o mundo; por isso é uma relação insatisfeita. Marina Garcés afirmou que pensar criticamente foi entregue a coisas abstratas e que deveríamos sair daí, porque pensar criticamente é poder continuar a mudar as nossas compreensões da vida concreta. Penso que isto nos ajuda a compreender o lugar, o papel do pensamento crítico numa cidade educadora.

E tu, Joan, disseste que sem pensamento crítico a cidade deixaria de ser um cenário habitável. E tu, Márcia, disseste — não aqui agora, mas disseste-o noutras ocasiões — que o pensamento crítico é a única coisa que pode sustentar-nos enquanto espécie responsável pela vida no planeta.

Tendo em conta estes conceitos, somos aqui pessoas que fazemos cidade educadora. Gostaria muito que nos ajudassem a pensar de que maneira podemos ter em conta estes conceitos, esta forma de

compreender o pensamento crítico, e de que maneira podemos fazer cidade educadora utilizando o nosso pensamento crítico.

### **Márcia Tiburi:**

Então, Angélica, penso que há sempre dois caminhos disponíveis. Um é o governo e o outro é a educação. Portanto, gostaria de desenvolver rapidamente um pouco estes dois temas: o tema do governo e o tema da educação.

Quando contei a história do filósofo que vendeu o pensamento crítico, falava de uma pessoa que implodiu, que se autoimplodiu. Em filosofia gostamos de falar com termos divertidos, fantásticos para uma pichação na cidade. Por exemplo: autocontradição performativa.

Mas podemos dizer que a pessoa implodiu quando disse algo que se contradiz no próprio ato em que fala. Acabou com aquilo que estava a dizer no próprio ato de o dizer. E digo isto porque, há algum tempo, tenho pensado muito na linha de Paulo Freire, que todos conhecem, que falou de uma educação bancária.

E nós também podemos falar de uma filosofia bancária. E a filosofia bancária e a educação bancária são exatamente o contrário do pensamento crítico, exatamente o contrário de uma educação crítica. A educação crítica, que não é a educação bancária, é aquela educação capaz de perceber e conhecer os jogos de poder que se jogam sobre um corpo e de ajudar, portanto, uma pessoa a alcançar a sua autonomia.

Podemos dizer que a educação crítica é, na realidade, uma educação ética. E aquela pessoa educada a partir de uma educação crítica é autónoma e, portanto, não se transforma numa mercadoria, nem o seu pensamento nem as suas ações. E esta pessoa é aquela que pode governar-se a si própria e, juntamente com o mundo que a rodeia, com os outros, com os seus companheiros, construir um governo que não seja autoritário.

Eichmann, em Jerusalém, no seu julgamento. Eichmann, o nazi, como Franco, como tantos outros que conhecem muito bem, porque todos os países têm os seus, todos são paranoicos. Donald Trump, hoje; Jair Bolsonaro, no Brasil; e tantos outros.

Todos os candidatos a Hitler, estes homens, nenhum deles conseguiria alguma vez desenvolver o pensamento crítico, porque vivem precisamente de um pensamento pré-fabricado, porque foram educados através de uma educação bancária. Isto é verdade. Não foram, não são pessoas que se tornaram aquilo que são apenas porque o desejaram.

Foram enfeitiçados, entediados, impedidos de conhecer a alteridade, através daquilo a que Theodor Adorno chamou a educação para a frieza.

E, Joan, também me lembrei de uma frase de Theodor Adorno e Max Horkheimer, velhos pensadores próximos de Walter Benjamin, que disseram que a racionalidade técnica é a racionalidade da dominação. E isto dialoga precisamente com aquilo que disseste.

E esta racionalidade técnica, que é a racionalidade do poder, que é a racionalidade da dominação, é aquilo que nos transforma a todos em funcionários de um sistema. E não apenas em funcionários das burocracias estatais, mas transforma-nos, sem dúvida, em funcionários destes *gadgets*, funcionários dos ecrãs, dos computadores, dos telemóveis. Transforma-nos em seres que funcionam de acordo com as máquinas, incluindo a inteligência artificial, que pode fazer tudo menos imaginar.

E quando dizes que já ninguém escreve, mas redige, é disso que estamos a falar.

Queria explicar, sobretudo para os jovens, algo que também me aconteceu há poucos dias. Sou escritora e escrevo desde que aprendi a escrever.

Na verdade, aprendi a escrever com uma menina e por isso nunca deixei de escrever. Também passei por uma escola, aquela escola que ensinava a desenhar letras. E pensei: nunca esqueci esta experiência e pensei que podia continuar a desenhar letras.

Por isso também desenho; ainda hoje desenho letras. Desenho livros de metros e metros e metros. Cheguei a ilustrar um livro da Angélica Dass.

Por que explico isto? Porque, há poucos dias, ao terminar um livro que demorei oito anos a fazer e que terminei há dois dias — expliquei-te, terminei-o aqui —, uma pessoa com quem vivo disse-me: «Por que não pões isto na inteligência artificial e resolves tudo?»

E esta pessoa disse isto com base no facto de a mulher escritora que ganhou o Prémio Nobel este ano utilizar a inteligência artificial para escrever. E é um escândalo, mas o mundo é isto.

Atualmente, a inteligência artificial tornou-nos a todos cínicos. E eu respondi àquela pessoa com quem vivo o seguinte: «Mas eu existo porque escrevo. Preciso de escrever para me sentir viva».

Portanto, não poderia externalizar a minha existência para uma máquina. E é disto que falamos quando nos rebelamos contra a inteligência artificial, a racionalidade técnica e as tecnologias. Nós queremos existir.

E existir é muito difícil na era do espetáculo, na era em que as nossas imagens foram transformadas em mercadorias, na era em que os nossos afetos, o ódio e o amor também foram transformados em mercadorias.

Finalmente, penso que precisamos de governar. E governar significa lutar pela hegemonia das nossas ideias e conquistar o poder.

Ou seja, temos de nos organizar. Há muito tempo que o fazemos nos países mais diversos e é por isso que o mundo ainda não foi destruído por personagens como as personagens autoritárias, os portadores da personalidade autoritária, como Hitler, Franco, Bolsonaro ou Donald Trump.

Resistimos, evidentemente, porque mantemos vivo o pensamento crítico, porque somos capazes de imaginar a autoridade e porque somos capazes de lutar por um espaço de hegemonia para as nossas ideias, e temos de levar isto cada vez mais longe.

Não tenho tempo, mas depois gostaria de falar do ecossocialismo e do feminismo.

**Angélica Sátiro:**

—Está bem. Obrigada, Márcia.

Márcia, que tem esta perspetiva feminista e ecofeminista, foi exilada aqui, na Europa, porque foi perseguida por se opor ao fascismo no Brasil. Apenas para situar a partir de que lugar fala.

Joan, neste momento estamos a falar do facto de o pensamento crítico ser imprescindível para fazer cidade educadora. Quais são as tuas ideias sobre isto?

**Joan-Carles Mèlich:**

Bom, vejamos. Isto está a aquecer, coisa de que gosto muito, porque tinha tantas coisas para dizer, mas aprofundando aquilo que a Márcia dizia, com o que estou muito de acordo. Depois responderei à pergunta original que fizeste, quando citaste as intervenções de Philippe Meirieu e Marina Garcés.

Mas antes, para não me esquecer. O problema da inteligência artificial é que, por exemplo, se lhe pedir que me escreva um texto, ela escreve-o perfeitamente. E esse é o problema.

Não é um texto humano. Foi escrito por uma máquina. Está tudo limpo.

Não consigo resistir a contar-vos uma anedota, e confesso que eu também peço por isso. Há poucos dias coloquei um texto meu acabado de escrever. Quando abrimos o Google, aparece uma espécie de modo IA ou algo semelhante.

Coloquei ali um texto meu e, para ver se me animava, perguntei-lhe que filósofo poderia ter escrito aquele texto. Respondeu-me: «Sem dúvida, Joan-Carles Mèlich».

E depois disse: «Olha que bem, tenho um estilo próprio».

Mas imediatamente respondeu-me: «Mas podemos melhorá-lo».

Não é o texto de Joan-Carles Mèlich, porque o texto, naturalmente, pode ser melhorado. Ainda bem. Até os textos de um Prémio Nobel podem ser melhorados.

Mas o estilo é o estilo desta pessoa. Numa entrevista perguntam-lhe — falam disto com Jorge Luis Borges. As pessoas diziam que Cervantes escrevia mal.

Mas se escrever mal, diz Borges, me serve para escrever o *Dom Quixote*, perfeito.

As pessoas dizem que Dostoiévski não sabia escrever. Mas quem me dera poder escrever *Crime e Castigo* ou *Os Irmãos Karamázov*.

Portanto, e isto tem a ver com a pergunta que a Angélica fez, é preciso voltar ao texto fundador, que é o livro VII de *A República* e, concretamente, o mito da caverna.

É preciso voltar a ler Platão, mas não porque concordemos com ele, mas porque nos ajuda a pensar.

Eu não concordo com Platão; concordo com Sófocles. Eram contemporâneos. Mas isso já seria dar uma aula.

Não, não, refiro-me ao facto de ser preciso voltar ao mito da caverna, porque o que acontece no mito da caverna? Pois Platão...

Reparem numa coisa, que muitas vezes os professores de filosofia explicam mal. O prisioneiro da caverna não se solta e sobe, mas é libertado e obrigado, contra a sua vontade, através de um ato de violência, a sair da caverna.

Isto, por exemplo, María Zambrano sublinhou muito bem. E muitas vezes encontro estudantes que me dizem que o prisioneiro se liberta.

Platão nunca o disse. Pelo contrário, o prisioneiro não quer libertar-se. O que acontece é que depois Platão faz a sua leitura da verdade.

Bom, vivemos numa caverna. O que significa isto? Significa que vivemos num mundo de sombras. E um mundo de sombras é um mundo de ambiguidades, é um mundo de dúvidas, é um mundo de incertezas.

E para podermos habitar o mundo humanamente, não à maneira de uma inteligência artificial ou de um robô...

No outro dia vi um episódio de *Black Mirror*. Não me lembro como se chama, mas penso que o comentei com os estudantes e eles depois hão de me lembrar. É impressionante porque se vê claramente. Ou seja, o companheiro de uma rapariga morre e então ela pode criar uma espécie de ciborgue. Penso que é da sétima temporada.

E este ciborgue é perfeito. Nunca a contradiz. E ela diz: «Mas tu és igual, tudo igual, tudo igual».

Mas claro, é um clone porque o marido dela morreu. «Tu não podes concordar comigo». E o ciborgue diz-lhe: «Queres que te contradiga?». E ela diz: «Claro que quero que me contradigas, mas não quero dizer-te que quero que me contradigas».

«Tens de me contradizer porque isso vem de ti, não porque eu te diga. Não percebeste nada». Tudo encaixa.

Ou seja, se a cidade se transformar num puzzle em que não há nenhuma peça que não encaixe, então estamos num universo totalitário. Seja um totalitarismo político, económico, tecnológico ou, naturalmente, qualquer outro tipo de totalitarismo.

Então o educador transforma-se num guia, num guia, em alguém que sabe qual é o caminho e que indica para onde temos de ir.

Só para recordar uma coisa. «Guia» em alemão é *Führer*.

Pronto.

### **Angélica Sátiro:**

Então vamos aplaudir, porque são ótimos.

Olha, como vos disse, são dois amigos queridos. Certamente continuaríamos a falar, porque daqui há muito pano para mangas, como se diz aqui em Espanha, mas já nos avisaram do horário.

Portanto, vou fazer-vos a última pergunta e pedir-vos a vossa capacidade de síntese, a máxima síntese que conseguirem fazer.

Olha, as pessoas costumam pensar que o pensamento crítico é uma coisa, além desta ideia errada de que pensar uma coisa, sentir outra, a emoção outra, agir outra, tudo compartimentado.

As pessoas costumam pensar que o pensamento crítico está ali, desligado da própria vida.

Márcia, na tua ideia sobre o feminismo em comum, defendes que temos de construir sociedades baseadas no cuidado mútuo e na proteção dos corpos e das vidas vulneráveis; ou seja, que o pensamento crítico está ligado à vida.

Tu, Joan, e a tua ética da compaixão, que não nasce do cumprimento de leis abstratas, mas de nos vermos perante a dor da pessoa ferida e respondermos com cuidado ao seu sofrimento.

Portanto, esta ligação que estabelecem entre pensamento crítico e ética, partindo daqui, poderiam ajudar, a modo de encerramento, a que estas pessoas tenham algumas ideias sobre como podemos viver a própria vida com esta confusão emocional que existe, com todas as crises que acontecem, e como o pensamento crítico pode ajudar-nos nestes contextos complexos?

Com capacidade de síntese, assim, três minutinhos.

**Márcia Tiburi:**

Três minutos. Somos governados pelos estados-plataforma; em alguns países ainda somos governados pelas igrejas; somos governados por personalidades autoritárias.

A educação pode ser considerada como o governo de si próprio e deve ser trabalhada como uma ética, ou seja, como uma consciência sobre a produção de subjetividade.

Como educadores, sejamos políticos da educação, professores, não importa, pensadores da educação, temos de proporcionar caminhos para que os nossos estudantes, sejam crianças, jovens ou adultos, possam ser autônomos, pensantes, reflexivos e capazes de se governarem a si próprios, sem hierarquias e em conjunto com os outros, com a intenção de construir uma educação permanente, intensa e para toda a vida, até ao final da vida.

E penso que, da minha perspectiva, sem vos poder apresentar agora todos os pressupostos disto, desenvolvi uma teoria daquilo a que chamo ecossocialfeminismo, que vai contra as políticas de violência, as políticas de inimizade, as políticas do impulso de morte que animam a perspectiva patriarcal, capitalista e capacitista do mundo, e que defende a vida naquilo a que chamamos planeta Terra.

Gosto muito da perspectiva de Eliane Brum, porque fez um deslocamento muito importante, que tem vindo a fazer há muito tempo, e é importante citá-la neste congresso, porque também está aqui.

Ela falou em mudar o centro do mundo, e isto significa pensar numa outra nomotopologia, ou seja, noutra geografia, noutra espacialidade, concentrando o mundo, saindo da ordem de Wall Street, ou das grandes cidades, ou dos centros económicos, e voltando para a natureza.

Ou voltando para as florestas, que é um nome concreto para a questão da natureza. Mas isto só será possível se mudarmos o governo do mundo. E o governo do mundo nunca será capaz de fazer esta inversão enquanto estiver nas mãos de homens autoritários.

Neste sentido, é a isto que me refiro quando falo de ecossocialfeminismo. Penso que isto está nas mãos da democracia radical, que inclui todos os movimentos sociais.

Coloco o feminismo porque resume muitos dos movimentos sociais. No Brasil temos muitos movimentos: os movimentos pela terra, os movimentos das pessoas sem-abrigo, os movimentos das pessoas LGBTIQ+ e APN+, os movimentos indígenas e negros, e os movimentos das mulheres feministas.

No Brasil também existe um movimento antifeminista muito perigoso, por isso gosto de dizer que são os movimentos feministas.

E queria deixar isto para que possamos refletir juntos. Não é exatamente uma resposta, mas um convite à reflexão, e penso que este é o nosso papel enquanto educadores, intelectuais públicos, políticos, pessoas que continuam a pensar criticamente contra a linguagem autoritária, contra este consumismo da linguagem, contra os clichés das redes sociais e os discursos pré-fabricados.

Portanto, a minha defesa do pensamento crítico é uma defesa do diálogo. E, de vez em quando, teremos de fazer como na caverna de Platão: forçar um pouco, exigir que as pessoas sejam capazes desta reflexão para a nossa própria sobrevivência num planeta que também merece sobreviver, porque o planeta Terra não pediu que estivéssemos aqui. Ou seja, a nossa responsabilidade é ainda maior.

Muito obrigada.

**Angélica Sátiro:**

Obrigada, Márcia.

Joan, as palavras finais sobre o pensamento crítico e a sua ética da compaixão perante a dor do outro.

**Joan-Carles Mèlich:**

Na minha opinião, para que haja pensamento crítico, é preciso manter viva uma tensão que nunca estará bem resolvida entre três âmbitos da cidade, que são os seguintes. Digo-os nesta ordem, mas a ordem não tem qualquer importância.

Em primeiro lugar, a ordem do político. As leis políticas, que seriam simbolizadas pela figura ou por aquilo que Creonte faz na *Antígona* de Sófocles, são necessárias. Mas, como isto já foi muito debatido, passarei rapidamente ao segundo âmbito.

Juntamente com o âmbito político, temos o âmbito moral.

Para o dizer rapidamente, a moral é um conjunto de valores, normas, regras e hábitos próprios de uma determinada cultura num determinado momento da sua história. Não existem morais universais; as morais são culturais, históricas, etc.

Para ser muito concreto, o que me parece interessante repensar aqui do ponto de vista da moral? Por que é importante pensar a moral a partir da perspectiva do pensamento crítico?

Porque me parece que o mais fundamental seria compreender que não é apenas o urbanismo que é importante, mas que é mais importante a urbanidade.

Uma cidade será habitável, uma cidade será cordial. Quando me trouxerem um café e me trouxerem a conta, direi: «Obrigado, muito amável».

Quando alguém está sentado — poderíamos falar longamente sobre isto — num autocarro, não nos lugares reservados para pessoas que merecem uma atenção especial. Já é grave termos de colocar lugares reservados? Isto já é grave. Mas é ainda mais grave ver quem se senta nestes lugares e quem tem estas pessoas ao lado e não faz absolutamente nada.

Isto é a urbanidade.

Claro, o mais fácil é dizer: «Este senhor é um fascista» e ponto final, não é?

Pois penso que isto é muito importante. É muito importante respeitar, é muito importante ouvir.

Tudo isto faria parte do campo da moral.

E, finalmente, como a Márcia disse muitas vezes, existe o campo da ética.

A moral é muito importante, mas não é suficiente; há algo mais. A ética é a zona obscura da moral.

A ética é aquela relação face a face em que as regras morais nas quais fui educado entram em crise ou podem entrar em crise.

E, portanto, por vezes, para ser ético, ou seja, para ser compassivo, para ser cordial, para atender ao sofrimento do outro, tenho de pôr em causa as regras da política e as regras da moral.

Nunca uma resposta ética será suficientemente boa. Se a resposta ética for suficientemente boa e eu tiver a consciência tranquila, a ética desapareceu da cena.

**Angélica Sátiro:**

Muito obrigada, Joan. Muito obrigada, Márcia.

Gostaria de vos agradecer a vocês, crianças, meninas e meninos, adolescentes. Obrigada.

Gostaria de encerrar esta mesa de diálogo convidando cada um de vocês a regressar às vossas cidades com esta ideia clara na cabeça:

Sou um pensador crítico. Posso continuar a pensar criticamente porque não sou apenas um funcionário ou uma funcionária.

E sim, através do diálogo poderemos desenvolver o pensamento crítico das nossas cidades e de todas as pessoas que vivem nelas.

Muito obrigada.

Obrigado. Adeus.

Adeus. Bom. Agora.

Obrigado.